

Paulo Freire e a Avaliação na Educação

José Ngola Carlos¹

Resumo

Este artigo, com o tema: *Paulo Freire e a Avaliação na Educação*, foi elaborado tendo como objetivo compreender e classificar as abordagens ideológicas da avaliação educacional propostas por Freire em suas obras. Metodologicamente, este artigo adota uma abordagem qualitativa, mediante recurso aos princípios da pesquisa bibliográfica. Para o alcance do objetivo expresso, foi necessária a leitura integral de 24 livros de Freire, dos quais, 12 abordaram o tema da avaliação na educação. Destas obras, foi possível obter a definição de Freire sobre a avaliação, sua importância na educação, classificação, instrumentos, métodos e a relação entre a ética e a estética na avaliação. Do estudo, resultou que Paulo Freire percebe a avaliação como um *quefazer educativo*, no qual, todos os agentes, afetos ao processo de ensino e aprendizagem, são chamados a participar e contribuir significativamente com suas críticas e sugestões. Pelo que, avaliar é um *quefazer*, fundamentalmente, dialógico e dialético. Além de ser um *quefazer com*, ato dialógico e dialético indispensável à prática educativa, a avaliação é também um *quefazer sobre*, porque ela incide-se sobre os objetos, sujeitos e fenômenos da educação. Não obstante, ela é também um *quefazer para*, porque não termina em si mesma, o seu exercício implica na manutenção e modificação quantitativa ou qualitativa do fenômeno em avaliação.

Palavras-chave

Paulo Freire, avaliação na educação, definição e classificação

Abstract

This article, entitled *Paulo Freire and the Evaluation in Education*, was developed with the aim of understanding and classifying the ideological approaches to educational evaluation proposed by Freire in his works. Methodologically, this article is of an applied nature and adopts a qualitative approach, drawing on the principles of bibliographic research. To achieve

1 UNINI - Campeche, México,

ngola21.jose@gmail.com

the stated objective, a complete reading of 24 books by Freire was carried out, twelve 12 of which addressed the theme of evaluation in education. From these works, it was possible to obtain Freire's definition of evaluation, its importance in education, its classification, instruments, methods, and the relationship between ethics and aesthetics in evaluation. The study revealed that Paulo Freire understands evaluation as an *educational praxis*, in which all agents involved in the teaching and learning process are called upon to participate and contribute significantly through their critiques and suggestions. Therefore, to evaluate is fundamentally a *dialogical and dialectical praxis*. In addition to being a *praxis with*, indispensable to educational practice, evaluation is also a *praxis about*, since it focuses on the objects, subjects, and phenomena of education. Nevertheless, it is also a *praxis for*, because it does not end in itself; its exercise implies the maintenance or quantitative and qualitative modification of the phenomenon under evaluation.

Key words

Paulo Freire, educational evaluation, definition and classification

Resumen

Este artículo, titulado *Paulo Freire y la Evaluación en la Educación*, fue elaborado con el objetivo de comprender y clasificar los enfoques ideológicos de la evaluación educativa propuestos por Freire en sus obras. Metodológicamente, este artículo es de naturaleza aplicada y adopta un enfoque cualitativo, mediante el uso de los principios de la investigación bibliográfica. Para alcanzar el objetivo planteado, fue necesaria la lectura íntegra de 24 libros de Freire, de los cuales 12 abordaron el tema de la evaluación en la educación. A partir de estas obras, fue posible obtener la definición de Freire sobre la evaluación, su importancia en la educación, su clasificación, instrumentos, métodos y la relación entre la ética y la estética en la evaluación. Del estudio se concluye que Paulo Freire concibe la evaluación como un *quehacer educativo*, en el cual todos los agentes involucrados en el proceso de enseñanza y aprendizaje son llamados a participar y contribuir significativamente con sus críticas y sugerencias. Por lo tanto, evaluar es un *quehacer* fundamentalmente dialógico y dialéctico. Además de ser un *quehacer con*, indispensable para la práctica educativa, la evaluación es también un *quehacer sobre*, ya que incide sobre los objetos, sujetos y fenómenos de la educación. No obstante, es también un *quehacer*

para, porque no termina en sí misma; su ejercicio implica el mantenimiento o la modificación cuantitativa o cualitativa del fenómeno evaluado.

Palabras clave

Paulo Freire, evaluación educativa, definición y clasificación

1. Introdução

Paulo Reglus Neves Freire, nascido no Recife a 19 de setembro de 1921, morreu em São Paulo a 2 de maio de 1997. Conhecido por uma grande maioria apenas pelo seu primeiro e último nome, Paulo Freire é o nome de uma figura incontornável no campo da Filosofia da Educação (Silva et al., 2025) e indispensável para a compreensão da educação popular crítico-dialógica e dialético-emancipatória das figuras oprimidas e opressoras (Lopes & Maciel, 2020).

Autor de dezenas de livros e artigos científicos, resultados da sua “ação-reflexão-ação” na educação, suas obras são fundamentalmente marcadas pela denúncia da *prática educativa bancária ou domesticadora e anúncio da prática educativa dialógica ou libertadora*. Não sendo *quefazer*es neutros, tanto a primeira, quanto a segunda prática educativa, são ontologicamente políticas. Existindo no antagonismo de um contra o outro, o *modelo bancário* visa a dominação e a manutenção do poder opressor e o *modelo crítico-dialógico*, a emancipação, humanização, construção e reconstrução do mundo e dos sujeitos nela (Lopes & Maciel, 2020, p. 1; Araújo, 2025).

Os trabalhos de Paulo Freire, estando principalmente voltados para a formulação de um sistema epistemológico e axiológico de construção e reconstrução do mundo por meio de uma prática educativa que acolhe o diálogo crítico e aberto entre todos os agentes educativos, não ignora a avaliação e sua importância ao longo do processo de ensino e aprendizagem (Falcão & Albuquerque, 2016; Lopes & Maciel, 2020; Silva et al., 2025).

O presente artigo tem como objetivo geral compreender a visão de Paulo Freire sobre a avaliação na educação. Para tal, será feita a leitura e análise de vinte e quatro (24) livros do autor. A escolha deste número resulta, tanto da sua acessibilidade ao pesquisador, quanto da necessidade de não se ser leviano e/ou superficial na análise do tema, o que boicotaria o objetivo

por detrás deste empreendimento científico.

As obras de Freire são amplamente estudadas no mundo inteiro. Não raro, esses estudos voltam-se à compreensão da visão política e filosófica do autor sobre o ensino e a aprendizagem, o que deixa uma grande lacuna em relação aos estudos voltados à compreensão de Freire sobre a avaliação. Tal tendência é compreensível, considerando que a avaliação não constitui tema central das obras de Paulo Freire. Esta proposição resulta do fato de que Freire não elaborou “uma teoria sobre a avaliação educacional escolar” ao longo de toda sua vida de 76 anos (Falcão & Albuquerque, 2016, p. 12), limitando-se apenas em fazer, em muitas de suas obras, “algumas reflexões” em torno da avaliação na educação (Lopes & Maciel, 2020, p. 7).

A importância deste trabalho de investigação científica reside no fato de que ele permitirá alargar e continuar a construção sistematizada da avaliação pensada por Paulo Freire, presente em artigos anteriores, que igualmente se propõem compreender como o autor pensava a avaliação. O alargamento da temática se consubstanciará no fato de que, diferente dos estudos anteriores que, não raro, analisavam uma (Lopes & Maciel, 2020) ou duas obras do autor (Silva et al., 2025), no presente artigo serão estudadas vinte e quatro obras.

Sendo este um trabalho de abordagem qualitativa e conhecendo a visão cognoscitiva, prática e axiológica de Paulo Freire em relação à educação, nele serão discutidas e defendidas as seguintes ideias: a avaliação como um *quefazer com*, ato dialógico e dialético indispensável à prática educativa; a avaliação como um *quefazer sobre*, por incidir-se sobre os objetos, sujeitos e fenômenos da educação; e a avaliação como um *quefazer para*, por não terminar em si mesma e o seu exercício implicar na manutenção e modificação quantitativa ou qualitativa do fenômeno em avaliação.

2. Revisão da literatura

2.1. Conceituando a Avaliação

O ato avaliativo, como ato educativo, sempre fez parte do cotidiano das sociedades e das instituições educativas, quer de maneira formal, não formal ou informal. Sobre isto, Chueiri (2008, p. 51) sublinha que “a avaliação se faz presente em todos os domínios da atividade humana.” Por seu turno, Herald Vianna, citado por Novaes (2014, p. 15), diz que “a avaliação associada ao processo educativo sempre existiu sob diferentes formas”. Assim sendo, sempre que houve educação, houve avaliação

acompanhando este processo. Não existe educação sem avaliação, nem avaliação sem educação.

Segundo Borges et al. (2019, p. 248, grifo dos autores),

A palavra avaliar é originária do latim e provém da composição a - valere, que significa “dar valor a...” (LUCKESI, 2000). Sob o olhar educativo, avaliar se refere a “[...] processos de construção de sentidos e conhecimentos sobre sujeitos, objetos ou coisas, atividades e instituições, colocados em relação educativa ou profissional durante determinado período de tempo.

Muitos autores, cada um dentro da sua abordagem ideológica, apresentam definições sobre a avaliação que, de pertinentes, ajudariam a enriquecer e alargar a visão que se tem sobre esta noção. Por exemplo, Álvarez et al. (2017, p. 164) definem a avaliação como “componente dirigido a solucionar problemas prácticos en la escuela”. Como se pode ver, o que não fugirá à regra com outras definições a serem apresentadas aqui, a formulação deste conceito carrega em si a alusão a uma ou várias de suas funções sociais. No caso da definição já apresentada, a avaliação tem como função ajudar na solução dos problemas práticos das escolas.

Para Ralph Tyler, conforme mencionado por Álvarez et al. (2017, p. 164), “la evaluación significa un examen para comprobar si los objetivos deseados se han logrado o no”. Nesta definição, a função que cabe à avaliação é a de verificar o grau de cumprimento dos objetivos preestabelecidos com base no currículo.

Para muitos agentes educativos, “o termo avaliar, está imediatamente relacionado com a realização de provas ou exames, conceder notas ou conceitos e evidentemente ao ato de reprovar ou aprovar um aluno” (Borges et al., 2019, p. 242). Esta definição apresenta a função tradicional da avaliação como instrumento para medir, selecionar e classificar.

Ao contrário do senso comum, apresentado no parágrafo anterior, Borges et al. (2019, p. 243) definem a avaliação como “um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão”. Assim definida, a avaliação tem como função ajudar no processo de tomada de decisões.

Perrenoud (1993), citado por Borges et al. (2019, p.243), “define a avaliação como o processo que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar”. Conforme esta definição, a função da avaliação transcende a medição, a seleção e a classificação. A avaliação aparece, como referido pelo autor, para subsidiar o aluno a mais e melhor aprender e o professor a melhor ensinar.

2.2. Pesquisas Anteriores

Dada a natureza científica do presente artigo, nesta subseção serão apresentadas três (3) pesquisas já feitas que, pelo tema que abordam, dialogam muito diretamente com o objetivo geral traçado para este artigo em construção. Ao serem apresentados aqui, os três (3) artigos provarão, tanto a existência fatual de estudos sobre o tema eleito, bem como as limitações e lacunas por elas deixadas, o que justifica a elaboração do atual trabalho e sua relevância científica e acadêmica.

A primeira pesquisa é a de Falcão e Albuquerque, publicada em 2016 pela Revista Lumen, com o tema *Avaliação na educação infantil: uma abordagem à luz da pedagogia de Paulo Freire*. Este artigo é uma pesquisa de natureza qualitativo-bibliográfica que analisa a avaliação na educação, com particular destaque para a avaliação na educação infantil, mediante a construção de portfólios. No artigo, estas duas particularidades são analisadas à luz da filosofia educativa de Paulo Freire.

Dos estudos de Falcão e Albuquerque (2016) resultou que a utilização de portfólios na educação infantil, como “estratégia de avaliação”, encontra-se alinhada à visão de Freire de uma avaliação educativa crítica, compartilhada e dialógica, assim como com a “ética universal do ser humano” (p. 11, 12), porque o portfólio

Estimula a passagem da curiosidade ingênua para a epistemológica, cria espaços para a criatividade, pois cada criança pode expressar de modo inovador as suas conquistas de aprendizagem e as suas dificuldades, propondo estratégias de aprendizagens colaborativas; também abre espaços à participação dialogal e ética, pois, ao se abrir à comunicação coletiva, fortalece as trocas e a diversidade cultural (Falcão & Albuquerque, 2016, p. 19).

Ampla na sua abordagem da avaliação sob a perspectiva de Paulo Freire, porque não a considera à luz de uma só obra, mas a partir do corpo epistêmico e axiológico completo do autor, a pesquisa de Falcão e Albuquerque (2016), portanto, limita-se pela aplicação restrita à educação infantil e ao uso dos portfólios.

O segundo estudo já feito, o de Lopes e Maciel, publicado em 2020 pela Revista IMPA, sob o título Reflexões sobre avaliação a partir da obra “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire, é uma pesquisa exploratória, cimentada sob o questionamento: “Quais reflexões sobre avaliação são apresentadas na obra *“Pedagogia da Autonomia”* de Paulo Freire?” (Lopes & Maciel, 2020, p. 2, grifo dos autores).

Dos estudos de Lopes e Maciel (2020) resultou a compreensão de que, Ao longo da obra, o autor reúne um conjunto de saberes indispensáveis à ação docente e aponta algumas reflexões sobre a avaliação na educação. Foi possível identificar que o autor compreende a avaliação como meio de reflexão crítica sobre a prática docente e que ela não pode ser realizada de forma individual pelo professor, mas de forma conjunta com os alunos, uma vez que ambos coexistem no ato educativo. Além disso, critica a avaliação de sistemas como mecanismos de regulação do trabalho docente, que repercute em um ensino fragmentado e na formação de sujeitos apolíticos. Compreende que para a transformação da realidade, é necessário assumirmos além do discurso, uma prática progressista frente aos problemas sociais (Lopes & Maciel, 2020, p. 7).

Embora sendo muito valioso para o presente estudo, a obra de Lopes e Maciel (2020) está longe de ser um estudo completo da visão de Freire sobre a avaliação na educação. Esta afirmação tem como fundamento o fato de os autores terem escolhido explorar objetivamente uma (1) obra apenas e não o tema em si, o que requereria, no nosso entender, a exploração de várias obras de Paulo Freire.

Silva et al., são os protagonistas da terceira obra a ser exposta nesta subseção. Publicada em 2025 pela Revista Aracê, sob o tema *Autonomia e avaliação formativa: Paulo Freire e a construção de processos avaliativos dialógicos*, este artigo é uma pesquisa “de natureza qualitativa e [de] caráter teórico-argumentativo, [fundamentado] em obras de referência de Freire, como Pedagogia da Autonomia e Pedagogia do Oprimido”. Similar ao anterior, com a diferença deste último analisar duas (2) obras de Paulo Freire e não uma (1), como o trabalho de Lopes e Maciel (2020), os autores buscaram discutir “a avaliação formativa sob a perspectiva da pedagogia freiriana, propondo uma abordagem centrada no diálogo, na escuta ativa e na promoção da autonomia dos estudantes” (Silva et al., 2025, p. 38280, grifos nosso).

Dos estudos destes autores resultou a compreensão de que a avaliação, sob a perspectiva de Freire, não é um *quefazer* politicamente neutro, isolado, nem tecnicista, mas “um espaço de encontro, construção e reconstrução. Portanto, formativo, processual e ético, “comprometido com a emancipação dos sujeitos” (Silva et al., 2025, p. 382).

A exemplo do anterior, o artigo de Silva et al. (2025) também limita-

se à exploração de um número de obras muito pequena de Paulo Freire, o que, no nosso entender, dificulta o alcance da visão geral e sistematizada do autor sobre a avaliação.

3. Metodologia

Este trabalho foi concebido tendo como base os seguintes paradigmas ontológicos, epistemológicos e axiológicos (Kauark et al, 2010):

- 1) Quanto à natureza,
- 2) Quanto ao assunto,
- 3) Quanto aos objetivos e
- 4) Quanto aos meios.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e diz respeito a uma análise bibliográfica. O seu objetivo é gerar e promover conhecimentos teóricos úteis para as atividades dos agentes educativos, pertinentes à avaliação, sob a perspectiva de Paulo Freire. Conforme Sordi e Ludke (2009, p.331, grifo dos autores)

Entre os saberes necessários para a formação dos professores, devam ser incluídas (não apenas como conteúdo a ser repetido, mas problematizado) as condições sociais que afetam a escola e, por conseguinte, dizem respeito à profissionalidade docente. Desprovidos desta aprendizagem, os docentes terão dificuldade para enfrentar os problemas atuais que afetam a escola e os alunos que a freqüentam.

Adota uma abordagem qualitativa, uma vez que se ocupa do estudo da avaliação educativa como um fenômeno social e busca compreendê-la a partir da visão subjetiva de mundo do autor em estudo.

Quanto aos objetivos, se está ante uma pesquisa exploratória cuja finalidade é compreender e classificar as abordagens ideológicas da avaliação educacional proposta por Paulo Freire, mediante a descrição de sua filosofia da avaliação.

Em relação aos meios, o atual trabalho é uma pesquisa bibliográfica por ter sido elaborado “a partir de materiais já publicados”.(Kauark et al., 2010, p.28). A análise e interpretação dos dados foram feitas tendo em conta o método de análise de conteúdo (Bardin, XXX). As três fases (3) foram aqui empregados, nomeadamente: a pré-análise dos dados, a exploração do material selecionado e o tratamento dos resultados, pela inferência e a interpretação indutiva (Lopes & Maciel, 2020).

Na pré-análise dos dados, empreendeu-se a organização do material em estudo. A organização deu-se pela leitura integral dos vinte e quatro (24) livros selecionados. Em seguida à leitura integral, fez-se uma busca neles pelos termos: *avaliação e avaliar, fiscalização e fiscalizar, inspeção e inspecionar*. Estes termos serviram de unidade de registo, os quais foram usados no localizador de termos do Adobe Acrobat Reader (32-bit), com o fim de se determinar quais livros seriam úteis no atendimento do propósito desta pesquisa. Da busca, resultou a exclusão de doze (12) livros, porque estes não abordavam a questão da avaliação diretamente. Não obstante a exclusão, identificou-se a menção direta e reiterada das seis (6) *unidades de registo* nos restantes doze (12) livros do autor, o que determinou a sua seleção para o estudo.

O *corpus de análise*, portanto, constitui-se de todos os textos que integram as *unidades de registo* definidas, o que permitiu a determinação das *unidades de contexto*. O *corpus de análise* foi organizado em fichas de leituras e referências, devidamente identificadas com título, nome da obra, trecho selecionado, página e comentários do pesquisador.

Na fase da exploração do material em estudo, procedeu-se a codificação indutiva dos dados recolhidos em unidades, que serviram mais tarde de *categorias de análise*, nomeadamente: a definição de Freire sobre a avaliação (CA-1), a importância da avaliação na educação (CA-2), a classificação da avaliação (CA-3), os instrumentos de avaliação (CA-4), os métodos de avaliação (CA-5), e a relação entre a ética e a estética na avaliação (CA-6).

A terceira fase, o tratamento dos resultados, ficou marcada pela análise, inferência e síntese das *categorias definidas*, em relação ao *corpus de análise*, assim como o aporte teórico completo, filosófico, político, educativo e cultural, conseguido mediante o estudo das vinte e quatro (24) obras de Paulo Freire.

4. Apresentação dos dados

Nesta seção são apresentadas, de forma sumária, as unidades de contexto, das quais foram selecionadas as unidades de registo que permitiram a construção do corpus de análise do presente artigo. Conforme destacado nas seções anteriores, as unidades de contexto compreendem as doze obras de Paulo Freire, descritas e codificadas

pelas siglas UC-1 à UC-12. A nomenclatura UC, conforme se descreve na **Tabela 4.1**, pressupõe a *Unidade de Conteúdo* e os números, foram atribuídos aleatoriamente para distinguir cada um dos livros em uso.

Tabela 4.1 - *Unidades de contexto*

Unidades de Contexto	Códigos
Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma Experiência em Processo.	UC-1
Extensão ou Comunicação?	UC-2
Pedagogia do Oprimido.	UC-3
Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.	UC-4
Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido.	UC-5
Professora sim, Tia não: Cartas a quem Ousa Ensinar.	UC-6
Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos.	UC-7
A Importância do Ato de Ler.	UC-8
Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor.	UC-9
Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra.	UC-10
A África Ensinando a Gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe.	UC-11
Por uma Pedagogia da Pergunta.	UC-12

As *categorias de análise*, definição de Freire sobre a avaliação (CA-1), a importância da avaliação na educação sob o ponto de vista freiriano (CA-2), a classificação da avaliação (CA-3), os instrumentos de avaliação (CA-4), os métodos (CA-5), e a relação entre a ética e a estética na avaliação (CA-6), foram definidas indutivamente e desenvolvidas tendo em conta as *unidades de contexto*, conforme é possível observar na **Tabela 4.2** abaixo.

Tabela 4.2 - *Categorias de análise*

Categorias de Análise	Códigos das Unidades de Contexto	Códigos
Definição	(UC-1; UC-2; UC-4; UC-6; UC-8; UC-10; UC-11)	CA-1
Importância	(UC-1; UC-6; UC-7; UC-8)	CA-2
Instrumentos	(UC-1; UC-3; UC-5; UC-9; UC-10; UC-12)	CA-3
Classificação	(UC-1; UC-2; UC-6; UC-9; UC-10; UC-12)	CA-4
Métodos	(UC-1; UC-2; UC-5; UC-6; UC-7; UC-11)	CA-5
Ética ↔ Estética	(UC-4; UC-7; UC-9)	CA-6

5. Análise dos dados

Nesta seção, será apresentada e analisada a visão de Freire sobre a avaliação educacional conforme o seguinte plano de desenvolvimento: definição, importância, classificação, instrumentos, método e ética na avaliação.

5.1. Definição de avaliação segundo Freire

Paulo Freire define a avaliação educacional nos seguintes termos:

A tarefa avaliadora [...] é um esforço formador e, como tal, indispensavelmente ligada à investigação de novas formas de ação. Enquanto problematização da prática, esta forma de avaliação é o seu momento crítico. Momento em que os sujeitos da prática se voltam sobre ela para confirmá-la ou retificá-la, neste ou naquele aspecto, enriquecendo a subsequente prática e nela enriquecendo-se (Freire, 1978, p. 108, grifo meu).

Na citação apresentada, o autor define a avaliação educacional como sendo um esforço formador dos agentes educativos, no qual, a prática educativa é problematizada tendo em vista a sua manutenção ou modificação e o enriquecimento dos sujeitos e da própria prática (Freire, 1997b).

Ao sublinhar que a avaliação é um momento crítico para a definição e redefinição da prática educativa pelos “sujeitos”, no plural, Freire pontua um aspecto por muitos negligenciado, o de que, o trabalho da/o professor/a não começa e termina nela/e mesma/o. Antes, há um sujeito de direitos e deveres, a/o aluna/o, não raro, confundida/o com um objeto passivo, que também participa do processo didático, e cujo papel na avaliação educativa é aqui reivindicado.

Que as e os estudantes, os pais, as mães, e as e os encarregados de educação e a sociedade no geral devem participar do processo avaliativo educacional, é um direito que a todos cabe. Afastá-los deliberadamente deste importante processo formador é uma violação clara dos seus direitos. Sobre isto, Freire (1996) diz mais explicitamente que a avaliação é uma necessidade permanente, a qual deve ser feita

Com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo (p. 38).

Nas suas obras, Paulo Freire não apenas define o que a avaliação é, como também, faz saber o que ela não é. Para o autor, é importante que não se confunda a avaliação com a “inspeção” (Freire & Guimarães, 2011, p. 62) e/ou “fiscalização” (Freire, 1978, p. 109), pois a avaliação educacional deve ser, fundamentalmente, uma atividade dialógica, dialética e/ou horizontal (Freire & Macedo, 2011), contrastando com a natureza autoritária, arrogante e/ou vertical da prática de fiscalizar ou inspecionar. Sobre a distinção que se propõe entre a avaliação e a inspeção ou a fiscalização, Freire afirma que:

Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e de professores vêm se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mais insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar a como caminho do falar com (Freire, 1996, p. 72, grifo meu).

O autor diz ainda que:

Ao diálogo, preferem as dissertações quilométricas, eruditas, cheias de citações. Ao diálogo problematizador, preferem o chamado “controle de leitura” (que é uma forma de controlar, não a leitura, e sim o educando), do que não resulta nenhuma disciplina realmente intelectual, criadora, mas a submissão do educando ao texto, cuja leitura deve ser “controlada”. E a isto chamam, às vezes, de avaliação, ou dizem que é necessário “obrigar” os jovens a estudar, a saber (Freire, 1985, p. 36, grifo do autor).

Como é possível observar pelos comentários de Paulo Freire acima, a avaliação dista da inspeção e fiscalização porque, ela não se consubstancia em um discurso vertical, ou “dissertações quilométricas, eruditas”, da ou do inspetor para a ou o inspecionado ou do fiscalizador para a ou o fiscalizada/o, enquanto atividade silenciadora (Freire, 1985, p. 36). Muito pelo contrário, a avaliação é “um instrumento de apreciação” (Freire, 1996, p. 72) dos objetivos, meios e prazos que respeitam toda a atividade didática,

isto é, incide no ensino e na aprendizagem, na e no professor e nas e nos alunos (Freire, 2021).

Esta incidência da avaliação sobre a/o professor/a e as/os alunas/os, dá-se numa relação dialógico-problematizadora, isto é, da/o professor/a com as/os alunos, e não numa relação vertical de “controle” e “submissão”, isto é, da/o professor/a para as/os alunos, o que, de resto, acontece na inspeção e na fiscalização (Freire, 1985, p. 36).

Uma última diferença entre avaliar e inspecionar ou fiscalizar fica clara pelo meio que se quer alcançar o fim último com cada uma das atividades em comparação. Segundo o autor, a avaliação busca “melhorar a ação dos sujeitos” pelo diálogo, enquanto que a inspeção e a fiscalização buscam a mudança de comportamentos pela punição. Ele diz:

Um outro equívoco que cometemos por causa, possivelmente, desse deslocamento de foco – em lugar de avaliar para melhor formar, avaliamos para punir – está em que em pouco ou quase nada nos preocupa o contexto em que a prática se dará de uma certa maneira com vistas aos objetivos que temos (Freire, 1997b, p. 11).

Em síntese, Paulo Freire concebe a avaliação educacional como uma atividade permanente de todas e todos os agentes educativos, que permeia o processo didático, e que consiste na leitura crítico-reflexiva da realidade para torná-la melhor, “ao lado daqueles e daquelas com quem trabalharemos” (Freire, 1997b, p. 11; Freire, 1978).

5.2. Importância da avaliação segundo Freire

Para sublinhar a importância da avaliação na educação, Paulo Freire usa expressões como “fator indispensável” (Freire, 1978, p. 109; Freire, 1997b, p. 11), “competência fundamental” (Freire, 2000, p. 17) e a metáfora: “a prática precisa da avaliação como os peixes precisam de água e a lavoura da chuva” (Freire, 2021, p. 56).

Uma vez que, toda avaliação incide em algo ou alguém, e nunca no nada, o seu valor utilitário não se encerra nela mesma, mas nos efeitos que produz nas coisas, nos fenômenos e nas pessoas. Assim sendo, a avaliação educacional é um *quefazer* importante, segundo Freire, porque

Não é possível praticar sem avaliar a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência. O trabalho de

avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la. A prática precisa da avaliação como os peixes precisam de água e a lavoura da chuva (Freire, 2021, p. 56).

Segundo o autor, a avaliação também ajuda a “observação constante da prática [...] reforçando os acertos e procurando sobre passar os erros” (Freire, 1978, p. 27, grifo meu) e, fundamentalmente, na educação,

Segundo o autor, a avaliação também ajuda de que maneira

- Na “observação constante da prática [...] reforçando os acertos e procurando sobre passar os erros” (Freire, 1978, p. 27, grifo meu) e, fundamentalmente, na educação,

- Ela “implica, quase sempre, reprogramar [e] retificar” para melhor formar (Freire, 1997b, p. 11, grifo meu).

Portanto, segundo Freire a importância da avaliação educacional reside no fato de que sem ela não haveria ensino, nem aprendizagem de qualidade. Afinal, a referência a um processo didático de qualidade pressupõe o exercício permanente de uma avaliação significativa. Assim, indissociável do processo de ensino e aprendizagem, a avaliação é um *quefazer* didático e pedagógico que significa e ressignifica a própria prática educativa.

5.3. Tipos de avaliação

Tendo em conta as obras analisadas, Paulo Freire classifica a avaliação em:

- Avaliação “tradicional” ou “quantitativa” (Freire, 1978, p. 73; Freire & Macedo, 2011, p. 151);
- Avaliação “conjunta” (Freire & Shor, 1986, p. 60);
- Auto-avaliação (Freire, 1997b).

A avaliação tradicional ou quantitativa, de acordo com Freire e Macedo (2011), é

“Produto de um determinado modelo de estrutura social que ajusta os conceitos teóricos à pragmática da sociedade que, primeiramente, delineou o modelo de avaliação”. Ou seja, se os resultados são apresentados como fatos determinados por um dado quadro de referência ideológico, esses fatos não podem, por si sós, fazer-nos ir além desse quadro de referência (p. 151, grifo dos autores).

Todavia, são características da avaliação tradicional, segundo os autores, o acento sobre a verticalidade nas relações. Ela é discursiva ou

expositiva. Requer submissão por parte de quem é avaliada/o. Pressupõe afirmação de autoridade de quem avalia. A avaliação tradicional é de natureza reguladora, reprodutora ou mecânica e punitiva, estando, portanto, ao serviço do controle social (Freire & Faundez, 2013).

Por outro lado, a avaliação conjunta tem a sua ênfase sobre a horizontalidade nas relações. Ela é crítico-dialógica ou problematizadora. Requer liberdade de pensamento e de expressão e é de natureza criadora e formativa (Freire, 1985; Freire, 1997b).

A referência à auto-avaliação não aparece com esta designação explícita nas obras de Freire. Porém, uma referência implícita aparece na sua obra intitulada: *Professora sim, Tia não: Cartas a quem Ousa Ensinar*. Nela, o autor diz: “em suma, as relações entre educadores e educandos são complexas, fundamentais, difíceis, sobre que devemos pensar constantemente. Que bom seria, aliás, se tentássemos criar o hábito de avaliá-las *ou de nos avaliar* nelas enquanto educadores e educandos também” (Freire, 1997b, p. 55, grifo meu).

Na parte final de seu comentário, é possível encontrar a conjugação pronominal reflexa do verbo avaliar, na terceira pessoa do plural, que diz “nos avaliar”, “ou seja também nos avaliarmos a nós próprios enquanto educadores”. É desta referência do autor que se elaborou a terceira classificação que consta deste subtema, a auto-avaliação. Pelo que, ela compreenderá todo o esforço consciente da/o avaliador/a, em relação ao seu próprio trabalho, com vista a melhorá-lo.

5.4. Instrumentos de avaliação

Abordar os instrumentos de avaliação pressupõe discriminar os meios com os quais trabalhar para que a avaliação se materialize. Paulo Freire não reduz, e muito sabiamente, os instrumentos de avaliação educacional à aplicação e correção de provas, testes ou exames. Antes, em quatro obras suas, o autor fala sobre:

- Os “seminários” de avaliação (Freire, 1978, p. 27) e
- As “reuniões de avaliação” (Freire, 1978, p. 35; Freire, 1987, p. 67; Freire, 1997a, p. 20; Freire & Faundez, 2013, p. 123).

Assim, já é possível dizer que, para Freire, provas, testes e/ou exames não constituem a melhor maneira de se realizar a “avaliação conjunta” (Freire & Shor, 1986, p. 60) sobre a qual já se falou na unidade anterior. Antes, estes instrumentos são característicos de uma avaliação “de estilo tradicional” e/ou “quantitativa” (Freire, 1978, p. 73; Freire & Macedo, 2011, p. 151).

Para uma avaliação dialógico-formativa e crítico-reflexiva, o autor sugere como instrumentos: a realização de seminários e/ou reuniões, nas quais, todos os agentes educativos, implicados pela prática, possam participar com suas observações, críticas e sugestões, tendo em vista a manutenção e modificação da prática educativa, realizada para o bem de todas/os que dela participam, sejam estas/es professoras/es, com o melhoramento do seu ato de ensinar, ou alunas/os, com o melhoramento do seu ato de aprender.

5.5. Métodos de avaliação

Diferente dos instrumentos, explicitados e que compreendem os meios com os quais materializar a ação avaliativa, o método constituía maneira ou os procedimentos a serem tidos em conta na realização da avaliação. Paulo Freire sugere o seguinte caminho metodológico para a realização da avaliação:

- “Observação crítica [e constante] da realidade” (Freire & Guimarães, 2011, p. 167, grifo meu; Freire, 1978 Freire, 1997a);
- “Diálogo problematizador” (Freire, 1985, p. 36);
- “Reprogramar [ou] retificar” a prática (Freire, 1997b, p. 11, grifo meu).

Assim sendo, o fundamento da ação avaliativa educacional é a observação do objeto, sujeito ou fenômeno em avaliação. A observação, como primeiro passo, pressupõe o acompanhamento que viabiliza a aquisição dos conhecimentos necessários da realidade em avaliação. É este conhecimento da realidade que permite a sua devida avaliação.

Seguida à observação, está a imprescindível ação dialógica e dialética do encontro entre os sujeitos. A realidade sócio-histórica dos seres humanos não se constrói no isolamento, é um ato coletivo. E, a educação é parte desta realidade social e histórica, cuja construção se pauta na participação de todos, com todos, para o bem de todos. A avaliação, como já visto na revisão da literatura, é um instrumento ao serviço da educação que permite a sua permanente construção e reconstrução. Assim, é necessário que nela, todos os agentes educativos participem, dando a sua opinião sobre o que fazer do processo de ensino e aprendizagem.

O último passo, proposto por Paulo Freire, faz lembrar que, a avaliação não é um fim em si mesma. Muito pelo contrário, ela realiza-se para o alcance de vários fins. Assim, toda avaliação é uma “avaliação para” (Freire, 2000, p. 17). Como sugere Freire, “avaliar implica, quase sempre,

reprogramar, retificar” (Freire, 1997b, p. 11). Este, portanto, é seu fim último, impactar sobre o objeto, sujeito ou fenômeno em avaliação. Toda avaliação que não exerce nenhuma influência sobre o fenômeno avaliado é estéril e inapropriada.

5.6. Ética na avaliação

A avaliação na educação, e em qualquer outro campo de atuação, é um processo que exige ética e estética por parte da e do avaliador (Freire, 1996; Freire & Shor, 1986). Uma avaliação, realizada sem o respeito devido aos pressupostos éticos, não é avaliação, é pretensão de avaliação. A avaliação é uma atividade séria e necessária para o melhoramento da prática educativa que, não pode ser feita em mero cumprimento ao calendário ou ao cronograma e na mera obediência às formalidades legais. Uma avaliação é ética quando é realizada com “responsabilidade” (Freire, 1996, p. 9 Freire, 2000, p. 51).

A avaliação é também um ato estético porque torna possível o alcance do mais do belo e do melhor. Isto dá-se pelo fato de quando exercida com responsabilidade, permitir o descobrimento dos limites e das potencialidades das e dos sujeitos, objetos e fenômenos em avaliação. Descobertos os limites, já é possível não exigir mais do que aquilo que algo ou alguém pode efetivamente alcançar, e com a noção das potencialidades, é possível tornar as coisas maiores e as pessoas melhores.

6. Conclusão

Com este trabalho, pretendia-se compreender e propor uma sistematização da visão de Paulo Freire sobre a avaliação na educação. Tal intento concretizou-se pela leitura integral de 24 livros de Freire, desde os escritos em autoria, aos escritos em coautoria, que o autor concebeu mediante a colaboração com outros autores. Dos livros lidos e analisados, 12 respaldam o tema da avaliação em Freire, em termos da sua definição, importância e classificação na educação, e instrumentos e métodos, bem como a relação entre a ética e a estética na avaliação.

Do estudo, resultou que Paulo Freire percebe a avaliação como um *quefazer* educativo, no qual, todas e todos os agentes, afetos ao processo de ensino e aprendizagem, são chamados a participar e contribuir significativamente com suas críticas e sugestões. Este *quefazer* é fundamentalmente, dialógico e dialético (Freire, 1985; Freire, 1997b; Falcão & Albuquerque, 2016; Lopes & Maciel, 2020; Silva et al., 2025). Ou

seja, além de ser um *quefazer com*, ato dialógico e dialético indispensável à prática educativa (Freire, 1978; Freire, 1997b), a avaliação é também um *quefazer sobre*, porque ela incide nos objetos, sujeitos e fenômenos da educação (Freire, 1996; Freire & Shor, 1986). Não obstante, ela é também um *quefazer para*, porque não termina em si mesma, o seu exercício implica na manutenção e modificação quantitativa ou qualitativa do fenômeno em avaliação (Freire, 2000; Freire, 1997b).

Referências

Álvarez, J. L. G., Cruz, M. M. & Meza, J. (2017). La Evaluación Educativa como Proceso Histórico Social. Perspectivas para el Mejoramiento de la Calidad de los Sistemas Educativos. *Universidad y Sociedad*, 9(4), 162-167.

Araújo, L. C. M. (2025). A formação política do professor da educação básica mobilizada pela formação dialética: aspectos da alfabetização didático-científica. *Educ. Form.*, (10), 1-23. 10.25053/redufor.v10.e15390

Borges, D., Tauchen, G. & Barcellos, V. C. (2019). Avaliação da Aprendizagem Escolar: Contexto Histórico e suas Pesquisas. *Revista Intersaberes*, 14(31), 240-259.

Chueiri, M. S. F. (2008). Concepções sobre a Avaliação Escolar. *Estudos em Avaliação Educacional*, 19(39), 49-64.

Falcão, R. C. & Albuquerque, T. S. (2016). Avaliação na educação infantil: uma abordagem à luz da pedagogia de Paulo Freire. *Lumen*, 25(2), 11-23.

Freire, P. (1978). Cartas à Guiné-Bissau: *Registros de uma Experiência em Processo* (2ª Ed.). Paz e Terra.

Freire, P. (1985). *Extensão ou Comunicação?* (8ª Ed.). Paz e Terra.

Freire, P. & Shor, I. (1986). *Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor*. Paz e Terra.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido* (17ª Ed.). Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Ega.

Freire, P. (1997a). *Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (4ª Ed.). Paz e Terra.

Freire, P. (1997b). *Professora sim, Tia não: Cartas a quem Ousa Ensinar*. Olho d'Água.

Freire, P. (2000). *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos*. Unesp.

Freire, P. & Macedo, D. (2011). *Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra*. Paz e Terra.

Freire, P. & Guimarães, S. (2011). *A África Ensinando a Gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (2ª Ed.). Paz e Terra.

Freire, P. & Faundez, A. (2013). *Por uma Pedagogia da Pergunta* (1ª Ed.). Paz e Terra.

Freire, P. (2021). *A Importância do Ato de Ler* (21ª Ed.). Cortez.

Kauark, F. S., Manhães, F. C. & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático*. Via Litterarum.

Lopes, J. M. R. & Maciel, A. O. (2020). Reflexões sobre avaliação a partir da obra "Pedagogia da Autonomia" de Paulo Freire. *Revista IMPA*, 1(2), 1-8. 10.51281/impa.e020014

Novaes, T. F. (Coord.) (2014). Contribuições de Heraldo Vianna para a Avaliação Educacional. *Estudos em Avaliação Educacional*, 25(60), 14-35.

Silva, E. N., Vaz, A. N., Silva, A. C., Vasconcelos, K. P., Silva, S. R., Filho, G. A. F. & Pereira, W. F. (2025). Autonomia e avaliação formativa: Paulo Freire e a construção de processos avaliativos dialógicos. *Revista Aracê*, 7(7), 38279-38291. 10.56238/arev7n7-180

Sordi, M. R. L. & Ludke, M. (2009). Da Avaliação da Aprendizagem à Avaliação Institucional: Aprendizagens Necessárias. *Avaliação*, 14(2), 313-336.